

DITOS POPULARES EM MÚSICAS DO CANCIONEIRO POPULAR: UMA ABORDAGEM COGNITIVA

Antonio Marcos Vieira de Oliveira (UERJ)
amvdeo@hotmail.com

1. Introdução

Neste estudo, analisaremos o dito popular “Quem canta seus males espanta” retomado na música homônima de Zélia Duncan. Os ditos populares são construções notáveis em várias línguas, tanto no tocante às ideias que transmitem, quanto na originalidade e na transmissão de saberes de uma determinada cultura.

Por se tratar de expressões que evocam pequenas histórias, sua utilização no discurso permite a projeção dessas histórias na situação comunicativa em curso, com propósito de persuadir o interlocutor ou proteger a face dos participantes da interação.

O conhecimento dos falantes nativos de língua portuguesa acerca dos usos dos ditos motivou o presente estudo, cujo objetivo é averiguar, com base no arcabouço das teorias da metáfora conceptual (LAKOFF & JONHSON, 1980; KÖVECSES, 2002) e da integração conceptual (FAUCONNIER & TURNER, 2002), se a projeção metafórica presente na construção de sentido de um dito popular empregado cotidianamente, sustenta-se quando o mesmo é retomado em letras de músicas.

Além do estudo da construção de sentido do dito, cujo caráter cultural consiste em uma justificativa para a pesquisa, este trabalho também se justifica em uma das assunções basilares da linguística cognitiva: metáforas conceptuais estão presentes tanto nas conversas cotidianas quanto nas manifestações literárias e artísticas.

Como o sentido dos ditos envolve projeções de mais de dois espaços mentais, em razão do cenário narrativo que evocam, também buscamos demonstrar que tais construções podem ser explicadas por redes de integração conceptual, de modo que as diferenças de sentido observadas nos ditos transpostos para letras de músicas podem estar relacionadas ao tipo de rede de integração conceptual acionado durante o processo de mesclagem.

Estruturamos este estudo da seguinte maneira: nas duas primeiras seções, sintetizaremos os conceitos utilizados na análise. Em seguida, passamos para a análise do dito popular “Quem canta seus males espanta”.

2. *A teoria da metáfora conceptual*

A metáfora foi, em tempos passados, e continua sendo em dias atuais, um objeto de grande reflexão. A teoria contemporânea da metáfora no escopo de linguística cognitiva concebe a metáfora como uma ferramenta de grande importância na estruturação do pensamento e do raciocínio.

George Lakoff e Mark Johnson em 1980 com a obra *Metaphors We Live By* quebram o paradigma vigente e elevam a essencialidade da metáfora na compreensão do mundo e do homem.

Para os autores, a grande ocorrência de metáforas na linguagem cotidiana representava um dado objetivo que não podia ser ignorado e corroborava para a existência de uma função que ultrapassasse o simples uso de um processo de significação.

Ao utilizarmos a metáfora, grande parte dos nossos conceitos são compreendidos em termos de outros; em outras palavras, a metáfora permite ao ser humano compreender e representar o mundo através da transferência de domínios de conhecimentos. Realizamos essa transferência entre domínios de forma inconsciente, mas buscamos, nas nossas experiências, elementos que nos autorizem a perceber o mundo e acabam por auxiliar no processo de compreensão.

A teoria da metáfora conceptual coloca no mesmo patamar o pensamento e a linguagem. Nesse prisma, a metáfora é entendida como o elemento central da conceptualização e do raciocínio e tem como elemento relevante, a experiência sensorio-motora. Frases como “olha onde nossa vida chegou?”, “não cheguei a lugar nenhum” e “estou numa encruzilhada” são realizações linguísticas da metáfora conceptual *a vida é uma viagem* e podemos dizer que constituem a evidência de que a metáfora estrutura o pensamento a partir de nossas experiências.

A partir de exemplos como esses, podemos afirmar que a metáfora não é realmente uma simples figura estilística, mas um processo de projeção que influencia a nossa forma de pensar e a nossa forma de raciocinar nossa realidade cotidiana, sempre a partir de nossas experiências

vividas. Dessa forma, fica nítida a noção de que o pensamento pode ser metaforicamente estruturado.

3. *A construção de sentidos e a mesclagem conceptual*

A teoria da mesclagem conceptual, desenvolvida por Fauconnier e Turner (2002), possui como linha geral de sua investigação as discussões, travadas no âmbito da linguística cognitiva, acerca da construção do significado.

De acordo com esse enfoque, o processamento do significado é entendido como uma instanciação de operações mentais que dão conta da ação discursiva, em outros termos, a construção do significado é desenvolvida de acordo com o contexto.

Admitindo o entendimento postulado pelos autores, entendemos que é de natureza capital averiguarmos os tipos de conexões realizados por nossa mente e também o efeito produzido quando as palavras são utilizadas em contextos diferenciados.

Parece-nos natural considerar que a criação e integração de espaços mentais são parte dessa conexão realizada por nossa mente, haja vista que os espaços mentais são construtores mentais utilizados no processamento do discurso a partir de instruções linguísticas fornecidas pelo contexto.

A teoria dos espaços mentais (1985, 1997) é um arcabouço de bastante importância no processo de construção de sentidos. Para Fauconnier (1985, 1997), a construção do significado ocorre por meio de dois processos: (i) a construção de espaços mentais e (ii) a criação de um mapeamento entre os espaços mentais. Acrescenta ainda que a relação entre os mapeamentos sofre forte influência do contexto onde o discurso ocorre, ou seja, a construção de sentidos é situada ou ligada a um contexto específico.

Nesse arcabouço, o espaço mental é uma região do espaço conceitual construída localmente, de acordo com as necessidades específicas do discurso. Desse modo, a formação dos espaços mentais e as relações estabelecidas por eles possuem o poder de contribuir muito na construção de sentidos e esses sentidos podem ser ilimitados.

Com ênfase na operação básica de mesclagem conceptual, os autores postulam que nossa mente cria, integra e projeta espaços, à medida

que a ação discursiva avança. A integração conceptual é um processo cognitivo que permite a interação entre domínios conceptuais que funcionam como *input* para um novo espaço – a mescla.

A interação entre os domínios de *input* é alcançada através de um mapeamento parcial que projeta seletivamente elementos dos *inputs* iniciais para um terceiro espaço, o espaço mescla, elaborado de forma dinâmica. Esse mapeamento explora estruturas esquemáticas dos *inputs* ou desenvolve estruturas esquemáticas compartilhadas. A estrutura compartilhada nos *inputs* iniciais fica contida em um quarto espaço chamado de espaço genérico.

Esses quatro espaços são conectados através de conexões projetivas e constituem uma rede de integração conceitual representada na **Fig. 1**, abaixo.

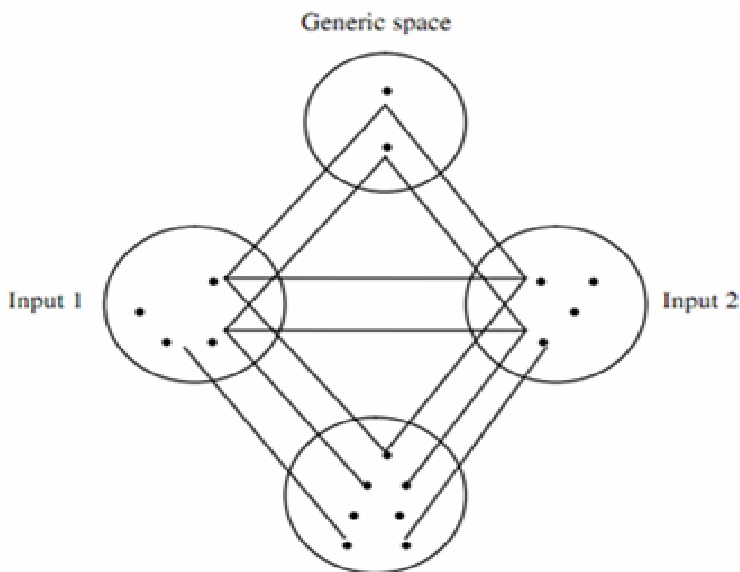


Fig. 1 – Rede da integração conceitual

Ao estabelecermos um espaço mescla, estamos operando cognitivamente dentro desse espaço mescla, o que nos permite manipular vários eventos dentro de uma unidade integrada. A mescla fornece uma estrutura, um elemento novo, inédito, não disponível em nenhum dos outros espaços da rede de integração. Esse elemento novo, que emerge do espaço mesclado, Fauconnier e Turner (2002) denominam de estrutura emergen-

te, que recebe este nome por emergir do processo de mesclagem.

A compressão de elementos alcançada por meio da mesclagem de relações conceptuais é denominada de relação vital. Em outras palavras, relação vital é a união entre elementos ou propriedades de contrapartes, de modo a possibilitar a compreensão numa escala humana, ou seja, de forma otimizada e imaginativa.

Os autores propõem um pequeno conjunto das relações vitais, que se repetem com frequência em processos de mesclagem e apresentam uma taxonomia de relações vitais que são as seguintes: mudança, identidade, tempo, espaço, causa-efeito, parte-todo, representação, papel-valor, analogia, contrafactualidade, propriedade, similaridade, categoria e intencionalidade.

Por todo o apresentado, podemos aqui ratificar que uma rede de integração conceptual envolve sempre, pelo menos, quatro espaços: dois espaços de entrada, um espaço genérico e um espaço de mescla, embora existam também as mesclas múltiplas, que serão bastante importantes em nossa análise, em que várias entradas são projetadas em paralelo, ou os espaços são projetados sucessivamente em mesclas intermediárias, que servem como espaços para outras mesclas.

4. *Quem canta seus males espanta*

No dito popular “Quem canta seus males espanta”, podemos perceber uma clara noção de que algo está sobrecarregando alguém, que, não aguentando mais essa sobrecarga, invoca como solução o canto, para afastar seus males, a carga que afeta uma pessoa.

No dito em análise, a pessoa afastará todos os males, o estresse que a aflige, se cantar. Logo, com base no esquema imagético de *contêiner*, a pessoa tensa pode ser entendida como um *recipiente*, de onde seus sentimentos saem sob a forma de canto. Podemos aqui conceptualizar o canto (sentimento) como uma válvula que promoverá o esvaziamento dos males que estavam transbordando do recipiente (pessoa), de modo a impedir uma explosão.

O dito popular “Quem canta seus males espanta” é estruturado pela metáfora conceptual *pessoa estressada/sobrecarregada é um recipiente sob pressão* que emerge do esquema imagético do *contêiner*. Tal metáfora nos permite o entendimento de um domínio abstrato em termos de

outro domínio mais concreto.

A metáfora que conceptualiza uma pessoa zangada em termos de um recipiente sob pressão possui no seu domínio alvo um indivíduo que passa por algumas adversidades em algum momento de sua vida (trajetória), porém precisa retirar de sua cabeça tal coisa, porque poderia “explodir”. Ao falarmos em trajetória, estamos indo ao encontro do esquema imagético do *trajeto*, pois adversidades podem surgir no trajeto/na jornada (vida) do indivíduo. O domínio fonte é composto de elementos referentes ao esquema imagético do *contêiner*, pois há aqui um indivíduo que está cheio de males, como um fluido quente a ser colocado para fora de seu corpo.

Esse domínio possui também a escolha de cantar ou não, ou seja, deixar o fluido quente sair ou não de seu corpo, espantando, assim, os males. Observamos também o fator que levou a pessoa a encher este contêiner com as dificuldades apresentadas pela vida.

O mapeamento ocorre através das correspondências que existem entre os domínios. Dessa forma, podemos perceber que a metáfora *pessoa estressada/sobrecarregada é um recipiente sob pressão* apresenta as seguintes projeções: (a) o *contêiner* é o indivíduo, (b) o canto é a válvula que o impulsiona a colocar para fora o estresse, a fim de ficar bem (espantar os males), (c) as adversidades são as dificuldades da trajetória que levam o indivíduo a ficar cheio como um contêiner, (d) a escolha do indivíduo é a decisão de deixar o fluido quente sair ou não e (e) o destino final é resultante da escolha de esvaziar ou não contêiner.

Assim sendo, a rede de integração para a conceptualização do dito usado em situações cotidianas apresenta a seguinte configuração.

- Espaço-input (1) –
composto de elementos relativos ao *frame* de vida, onde há um indivíduo que tem a possibilidade de cantar ou não, buscando, assim, espantar todos os seus males.
- Espaço-input (2) –
composto de elementos relativos ao esquema imagético do *contêiner*, onde há um indivíduo que precisa colocar raiva/estresse/tensão, fluido quente, para fora, pois só assim conseguirá continuar sua trajetória.
- Espaço genérico –
configurado com a compressão de uma pessoa com raiva em ter-

mos de um contêiner cheio, prestes a transbordar, que nos remete à metáfora conceptual *pessoa estressada/sobrecarregada é um recipiente sob pressão*.

•Espaço mescla

resultado da projeção das contrapartes dos dois *inputs* interconectados que nos leva ao dito popular “Quem canta seus males espanta” usado em interações cotidianas.

Há no referido dito uma compressão por *identidade*, pois a integração dos indivíduos só é realizada na mescla, já que nos inputs temos indivíduos diferentes com pretensões diferentes: no input 1, há uma possibilidade, ao passo que no input 2 há uma necessidade de diminuir a pressão do contêiner para evitar uma explosão. Também ocorre uma compressão por *causa - efeito*, porquanto a decisão de cantar levará o indivíduo a espantar todos os males, deixando o contêiner vazio.

A rede de integração postulada para a conceptualização cotidiana do dito é apresentada na **Fig. 2**:

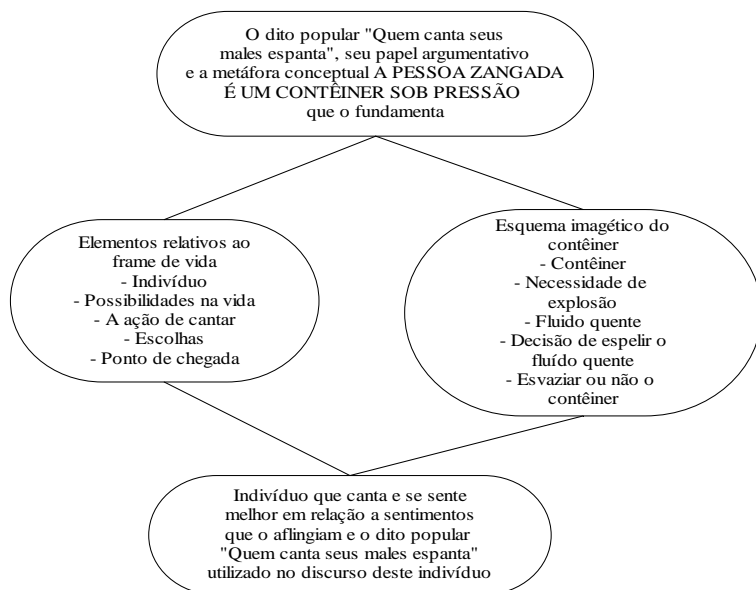


Fig. 2 – Rede de integração de “Quem canta seus males espanta”

O dito popular “Quem canta seus males espanta” é retomado na música com título homônimo de Zélia Duncan, apresentada abaixo e analisada em seguida.

Quem canta seus males espanta

Entro em transe se canto, desgraça vira encanto
Meu coração bate tanto, sinto tremores no corpo
Direto e reto, suando, gemendo, resfolegando
Eu me transformo em outras, determinados momentos
Cubro com as mãos meu rosto, sozinha no apartamento
Às vezes eu choro tanto, já logo quando levanto
Tem dias fico com medo, invoco tudo que é santo
E clamo em italiano ó dio come tí amo
Eu me transmuta em outras, determinados momentos
Cubro com as mão meu rosto, sozinha no apartamento
Vivo voando, voando, não passo de louca mansa
Cheia de tesão por dentro, se rola na face o pranto
Deixo que role e pronto, meus males eu mesma espanto
Eu me transbordo em outras, determinados momentos
Cubro com as mãos meu rosto, sozinha no apartamento
É pelos palcos que vivo, seguindo o meu destino
É tudo desde menina, é muito mais do que isso
É bem maior que aquilo, sereia eis minha sina
Eu me descubro em outras, determinados momentos
Cubro com as mãos meu rosto, sozinha no apartamento

Após a leitura da letra da música *Quem canta seus males espanta*, podemos perceber que estamos diante de um desabafo do personagem narrador que em sua trajetória passa por algumas adversidades muito incômodas e opressivas. O narrador acredita que através do canto conseguirá se transformar e espantar os males que o incomodam, como pode ser percebido por meio do verso “entro em transe quando canto, desgraça vira encanto”.

Com exceção do título, o dito não é expresso integralmente, em termos formais, na letra da música. O narrador apenas emprega trechos da frase que o compõe no verso “Deixo que role e pronto, meus males eu mesma espanto”, ao afirmar que ele próprio espanta os seus males. Porém, apresenta como causa, para essa expulsão dos problemas, o canto, estabelecendo, assim, uma relação com o dito presente no título da música *Quem canta seus males espanta*.

Observamos, em seguida, se a metáfora *pessoa estressada/sobre-carregada é um recipiente sob pressão* estrutura a retomada do dito popular “Quem canta seus males espanta” na letra da música *Quem canta seus males espanta* com a mesma projeção metafórica postulada para o

dito usado de forma geral nas interações cotidianas.

A letra da música é uma narrativa na qual o personagem narrador está em um momento não muito favorável, pois parece estar bastante nervoso, inquieto e fala muito em choro, medo, transformação e solidão. A letra da música inicia com o narrador apresentando a força que a música possui para ele, pois até mesmo as desgraças se transformam em canto.

Entendendo que na letra da música há uma narrativa, conceptualizaremos inicialmente um MCI de narrativa, o qual nos guiará ao *input* inicial que contém o dito popular “Quem canta seus males espanta” estruturando o discurso do personagem presente na letra da música e a força argumentativa presente nesse dito.

A rede de integração proposta para a interpretação da letra da música possui mais dois *inputs*: no segundo deles, há elementos referentes ao *frame* de *vida*, no qual existe um indivíduo com as possibilidades e as escolhas feitas no percurso da vida; há também a ação de cantar, algo muito presente na vida dos seres humanos, e o ponto de chegada, aquele destino a que todos almejam. O terceiro *input* possui elementos referentes ao esquema imagético do *contêiner*, no qual temos o contêiner, a necessidade de explosão, o fluido quente e as decisões e as escolhas referentes ao fluido quente.

No espaço genérico, há a metáfora conceptual *pessoa estressada/sobrecarregada é um recipiente sob pressão* que estrutura o dito “Quem canta seus males espante” utilizado em situações cotidianas e a força persuasiva presente no dito.

O espaço mescla é constituído por um indivíduo/personagem da música que se transmutou em outras e através do canto sente-se muito melhor. Dessa forma, chegamos ao dito “Quem canta seus males espanta” utilizado no discurso desse indivíduo.

A rede de integração conceptual para a música *Quem canta seus males espanta* resulta das seguintes relações vitais: (a) relação vital de *mudança*, pois a narradora transmuta-se em várias outras mulheres ao longo da música; (b) compressão por *causa – efeito*, já que a narradora só consegue se transmutar, colocar sua raiva para fora, se cantar. A noção de causa e efeito é bastante relevante na letra da música, pois tudo que a narradora apresenta na letra da música só se concretizará se ela cantar, (c) compressão de *tempo*, a música integra fatos em momentos indeter-

minados e em momentos determinados e (d) compressão por *identidade*, pois a conexão dos indivíduos só se realiza na mescla.

A rede de integração para a conceptualização do dito retomado na letra da música é representada na **Fig. 3**:

5. Considerações finais

Concluída a análise da letra da música *Quem canta seus males espanta*, verificamos que a metáfora conceptual *pessoa estressada/sobrecarregada é um recipiente sob pressão* estruturou o dito usado em situações da vida cotidiana e o dito retomado na música com a mesma projeção metafórica. Em outros termos, sustenta-se a ideia de que a metáfora conceptual *pessoa estressada é um recipiente sob pressão* estrutura as duas utilizações do mesmo dito popular.

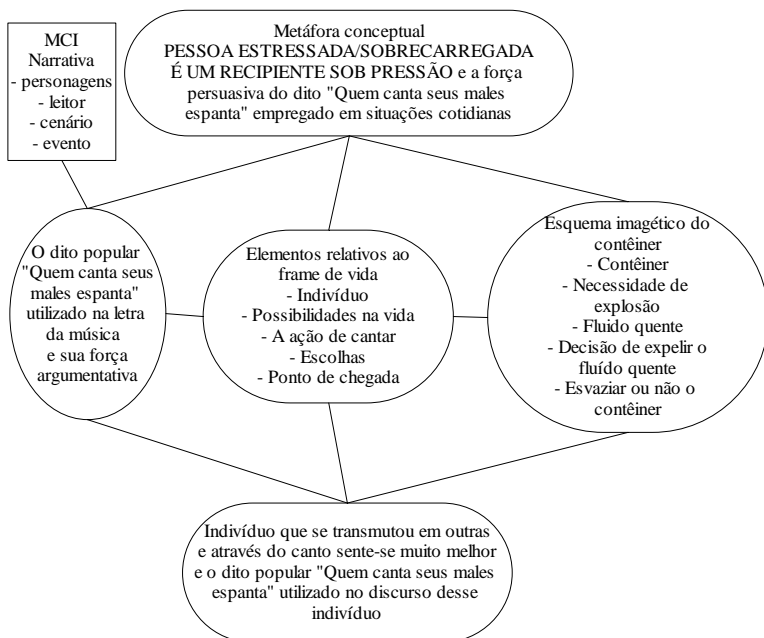


Fig. 3 – Mesclagem na música *Quem canta seus males espanta*

O estudo possibilitou-nos reconhecer que nos apoiamos em modelos de um mundo concreto para conceituar fenômenos abstratos, não apenas em termos conceptuais com a utilização de metáforas, a fim de

buscar sentidos precisos, mas também porque, ao integrarmos cognitivamente estados de coisas abstratas e domínios da experiência concreta, asseguramos inconscientemente uma maior eficiência e expressividade no uso da linguagem cotidiana.

Não há, neste estudo, a intenção de alcançar generalizações, todavia foi possível propor a hipótese de que ditos populares retomados em letras de músicas possuem a mesma projeção metafórica dos ditos utilizados em situações cotidianas. Assim, esperamos que este estudo motive outras pesquisas sob o escopo teórico da Linguística Cognitiva, com ênfase nas teorias da metáfora e da mesclagem conceptual.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FAUCONNIER, G. *Mental spaces*. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.

_____. *Mappings in language and thought*. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

_____; TURNER, Mark. *The way we think: conceptual blending and the mind's hidden complexities*. New York: Basis Books, 2002.

FERRARI, Lilian Vieira. *Introdução à linguística cognitiva*. São Paulo: Contexto, 2011.

GOOGLE. Disponível em: <www.google.com>. Acesso em: jun. 2011.

KÖVECSES, Zóltan. *Metaphor: a practical introduction*. New York: Oxford University Press, 2002.

_____. *Metaphor in culture: universality and variation*. Cambridge: Cambridge University Press, 2000.

LAKOFF, George. *Women, fire, and dangerous things: what categories reveal about the mind*. Chicago: The University of Chicago Press, 1987.

LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. *Metaphors we live by*. Chicago: The University of Chicago Press, 1980.

_____; TURNER, M. *More than cool reason: field guide to poetic metaphor*. Chicago: University of Chicago Press, 1989.

MIRANDA, Neusa Salim. Domínios conceptuais e projeções entre domínios: uma introdução ao modelo dos espaços mentais. *Veredas*, Juiz

Fora, n. 4, p. 81-95, 1999.

RIBOLDI, Ari. *O bode expiatório*: Origem de palavras, expressões e ditados populares com nomes de animais. Porto Alegre: AGE, 2008.

TURNER, Mark. *The literary mind*. New York: Oxford University Press, 1996.

VELLASCO, Ana Maria de Moraes Sarmiento. Padrões de uso de provérbios na sociedade brasileira. *Cadernos de Linguagem e Sociedade*, n. 4, p. 122-160, 2000.